

Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

AS TRILHAS PERCORRIDAS NA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO NO DISTRITO DE ITAPIRU, MUNICÍPIO DE RUBIM/MG: EMANCIPAÇÃO, RESISTÊNCIA E LUTA.

*Building the identity of a rural school in the Itapiru district (Rubim-MG): emancipation,
resistance and struggle.*

Gilda Rodrigues ROCHA

Rede Estadual de Educação de Minas Gerais.

gildarodriguesrocha@yahoo.com.br

Rosineide Pereira Mubarack GARCIA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

rose.mubarack@ufrb.edu.br

Resumo

O artigo apresenta um relato de experiência sobre a construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Lídio Almeida, que teve por objetivo propor ações formativas alinhadas aos princípios Educação do Campo a fim de afirmar sua identidade de escola do campo através da metodologia da pesquisa-ação. Trata-se de uma escola em que todos os estudantes são oriundos da zona rural. O projeto desenvolvido enfatizou o reconhecimento dos professores como sujeitos do campo, e buscou adequar a identidade da escola às particularidades exigidas a essa modalidade de educação. O referencial do materialismo histórico-dialético foi utilizado com a intencionalidade de compreender o professor como sujeito inserido em uma sociedade de contradições e ancorou-se nas categorias teóricas totalidade, contra-hegemonia, movimento, práticas educativas, e luta de classe, dialogando com Marx (1971, 1988), Gramsci (1978), Brandão (1981), Arroyo (1999, 2004, 2007), Barbier (2007), Caldart (2009, 2010, 2012), Tonet (2014), Molina (2012, 2014, 2015), dentre outros. Os resultados, dentro da própria dinâmica da pesquisa-ação que não se esgota em si mesma, começaram ser esboçados em ações para além da tomada de consciência. Ao longo do processo, as demandas, identificadas pelo próprio coletivo enquanto escola do campo em construção, pautaram a construção do Projeto Político Pedagógico.



Palavras-chave: Educação do campo. Formação de professores. Materialismo Histórico Dialético.

Abstract

The article presents an experience report on the construction of the Pedagogical Political Project of a Rural School that aimed to propose training actions in line with the principles of Rural Education through the action research methodology. It is a school in which all students are from the countryside. The developed project emphasized the recognition of teachers as rural subjects, and sought to adapt the school's identity to the particularities required for this type of education. The referential of historical-dialectical materialism was used with the intention of understanding the teacher as a subject inserted in a society of contradictions and was anchored in the theoretical categories totality, counter-hegemony, movement, educational practices, and class struggle, dialoguing with Marx (1971, 1988), Gramsci (1978), Brandão (1981), Arroyo (1999, 2004, 2007), Barbier (2007), Caldart (2009, 2010, 2012), Tonet (2014), Molina (2012, 2014, 2015), among others. The results, within the very dynamics of action research that does not end in itself, began to be outlined in actions beyond awareness. Throughout the process, the demands identified by the collective itself as a rural school under construction guided the construction of the Political Pedagogical Project.

Keywords: Field Education; Teacher formation; Dialectical Historical Materialism.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta uma discussão sobre a construção do Projeto Político Pedagógico de Escola do Campo a partir de uma pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) com objetivo de propor ações formativas alinhadas dialeticamente à educação do campo, a fim de afirmar a identidade de escola do campo na Escola Estadual Lídio Almeida, aqui denominada EELA. Essa escola atende em sua totalidade estudantes oriundos do campo. Ela tem a sua identidade pautada em princípios da educação do campo, e tem na formação de professores a expectativa de que se reconheçam como sujeitos do campo.

A EELA, situada no Distrito de Itapiru, município de Rubim, no Vale Jequitinhonha/MG é o cenário na construção desta pesquisa. Recordo bem que, nas primeiras discussões ocorridas na disciplina de metodologia da pesquisa, ansiava que me respondessem como encontrar as categorias e os caminhos metodológicos que embasassem uma pesquisa. Logo percebi que não havia um manual instrucional que indicasse o caminho. Contudo, é em contato com o objeto que se constrói, extrai e materializa os caminhos da pesquisa. Essa perspectiva embasou a escolha pela pesquisa-ação adotada por Barbier (2007), mais à frente detalhada no percurso metodológico. Não era para ser apenas uma pesquisa, era algo além: uma pesquisa-ação.

O Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste do estado de Minas Gerais, é famoso pelos discursos que enfatizam a sua condição de pobreza, mas que, ao mesmo tempo, desconsideram as muitas maneiras de interpretá-la e ressignificá-la pelos contrastes e pelos paradoxos que vão construindo e constituindo as marcas de uma identidade regional.



A educação do campo é um conceito ainda em construção, mas com princípios definidos, com transformações em curso, atrelada ao movimento que a produziu e, portanto, aqui trabalhada como categoria de análise para falar da educação dos trabalhadores rurais. A educação do campo luta por educação, e luta, principalmente, pela sua materialidade de origem: a terra. Terra que remete à questão do trabalho e da cultura, e à existência dos povos do campo. Sem a compreensão dessa materialidade de origem da educação do campo é impossível pensar formação de professores para atuar nas escolas do campo.

É importante trazer aqui as justificativas para a escolha da EELA como objeto da pesquisa:

- a) o fechamento das mais de 40 escolas do campo no município de Rubim/MG ao longo dos últimos 20 anos e a intensificação do deslocamento das crianças do campo para as escolas da cidade;
- b) a instituição das Diretrizes Básicas em educação do campo através da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, que veio reafirmar as orientações presentes na Resolução n. 1 do Conselho Nacional de Educação – CNE;
- c) a definição em 2015, pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, de uma lista de escolas localizadas no campo ou meio urbano em que a maioria dos estudantes atendidos fossem provenientes do campo. Nesta listagem, a EELA foi classificada como situada em meio urbano, com maioria de estudantes do campo, e solicitada a construir um Projeto Político Pedagógico que a adequasse à legislação em vigor.

Neste contexto, surgiram inquietações e novos desafios, dificuldades reais e a necessidade da própria escola se enxergar nessa nova trajetória. Constituía-se uma oportunidade de se discutir educação do campo: ser escola do campo, primeiro, no papel e, a partir daí, construir-se a identidade de escola do campo? Este constituiu um dos grandes desafios. O que faz a legislação e a política pública efetivas não seria a apropriação destas pelos sujeitos? O que faz uma escola ser escola do campo é somente a legislação ou são os sujeitos de que ela se compõe?

A EELA é vista/tida pelos sujeitos que a constroem como sendo uma escola urbana sem qualquer referência à sua materialidade de origem, o campo. A legislação diz que é uma escola do campo, mas como é ser escola do campo? Construir educação do campo, antes de tudo, é compreender o que significa ser escola do campo a partir da perspectiva da classe trabalhadora, dos camponeses. Desafios postos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

O objetivo do trabalho foi propor ações formativas alinhadas dialeticamente à educação do campo, a fim de afirmar a identidade de escola do campo na EELA. A formação do educador aqui esboçada fundamentou-se no referencial teórico do materialismo histórico-dialético proposto por Marx (1971; 1988). Foram organizadas e realizadas quatro oficinas de formação adotando a metodologia da pesquisa-ação (BARBIER, 2007). Os dados foram analisados à luz do aporte teórico que aborda as seguintes categorias teóricas: totalidade, contra-hegemonia, movimento, práticas educativas e luta de classe.

Utilizamos da pesquisa-ação, definida por Thiollent (1985, p. 14) como sendo “uma pesquisa social que é concebida em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da



realidade a ser investigada de modo cooperativo e participativo”. No processo da pesquisa-ação, conforme ressalta Barbier (2007), o seu diferencial em relação à pesquisa clássica é exatamente permitir a negociação e o contrato de participação com a coletividade. O grupo participou dos ajustes ao projeto e decidiu por uma formação de professores e por uma compreensão da EELA como escola do campo com as suas contradições. O contrato de trabalho estabelecido feito com o grupo foi o pontapé inicial. Fez-se uso de instrumentos como a entrevista de grupo focal com o grupo de professores por entender que a construção das suas narrativas flui na participação coletiva. Adotou-se a roda de conversa, o uso de questionários e a observação. Foram utilizados nomes fictícios. A autorização se deu via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A educação do campo vem se reafirmando cada vez mais pautada em uma necessidade dos povos do campo no Brasil. Um conceito ainda em construção, mas com princípios definidos, com transformações em curso, atrelados ao movimento que a produziu e, portanto, aqui trabalhada como categoria de análise para tratar da educação dos trabalhadores rurais. É importante trazer a definição adotada por Caldart (2012), que ressalta que a educação do campo nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.

À medida que a pesquisa foi ganhando forma, os desafios foram crescendo. Foi identificado nas observações, nos questionários e nas entrevistas que tanto para a gestão escolar, quanto para os estudantes e toda comunidade que permeava a escola, predominava a percepção da EELA como escola urbana sem qualquer referência a sua materialidade de origem, o campo. Em 2015, a partir da deliberação da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, surgiu um grande desafio: como ser escola do campo, primeiro, no papel e a partir daí construir uma identidade de escola do campo?

A EELA, em 2017, possuía um quadro de pessoal composto por 25 funcionários e 133 estudantes matriculados nos segmentos Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Destes, 79 estudantes vêm de comunidades rurais. Outros 54 estudantes residem no distrito de Itapiru. Isso confere à escola uma rotatividade de estudantes do campo e também do corpo docente. Participaram da 1ª e da 2ª oficinas de formação 27 educadores da EELA. Nas 3ª e 4ª oficinas de formação foram contabilizados 25 participantes.

Ao adotar o materialismo histórico-dialético, partiu-se do pressuposto de que a vida social é extremamente complexa e diferenciada e, como afirmou Marx (1971), só é possível compreender essa vida social, a formação para o trabalho e toda sua complexidade se conseguirmos identificar as esferas do ser social, assim como determinar com rigor quais são as condições materiais que permitem a vida desse ser social. Nessa perspectiva, a construção de um Projeto Político Pedagógico (PPP) de Escola do Campo necessita responder a perguntas, tais como: quais as condições materiais nas quais que se gestam a escola? O que significa ser camponês e ser camponesa no conjunto social dessa escola? Em que território a escola está inserida? Sem a compreensão da totalidade, das determinações e condições materiais da escola inviabiliza-se a construção do PPP a partir de uma perspectiva emancipatória.

A pesquisa-ação, como instrumento de participação ativa dos sujeitos, foi o método escolhido por proporcionar e exigir maior interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa e, neste sentido, criar um ambiente favorável para a construção coletiva do conhecimento. A pesquisa-ação é assim definida por Thiollent (1985):



A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985, p.14).

Como ressalta Thiollent, é compromisso desta metodologia de pesquisa a interação, a participação coletiva de todos os envolvidos tendo a formação de educadores como uma das estratégias de colaboração e participação dos sujeitos da pesquisa. Para Dionne (2007) a pesquisa-ação,

[a]lém de confrontar com nossos marcos epistemológicos de objetividade, a prática da pesquisa-ação nos confronta com suas próprias finalidades de ação e com possibilidades endógenas de desenvolvimento, ela é, ao mesmo tempo, ferramenta de mudança e de formação (DIONNE, 2007, p.21).

Promover essa formação e buscar a mudança para o desenvolvimento de uma identidade de escola do campo e no campo como a EELA requerem um esforço de compreender melhor a realidade e nela atuar. Partindo dos princípios da pesquisa-ação como apoio ao desenvolvimento local para esta construção de identidade de escola do campo, o levantamento de dados que embasaram a pesquisa e a ação foram dialogados e pactuados com o coletivo participante da pesquisa. Barbier (2007) ressalta que a pesquisa-ação emancipatória pressupõe três pontos essenciais:

que os pesquisadores técnicos [...] docentes de uma escola percebam o processo educativo como um objeto passível de pesquisa; [...] que estes pesquisadores percebam a natureza social e as consequências da reforma em curso; [...] enfim, que eles compreendam a pesquisa mesma como uma atividade social e política, portanto ideológica (BARBIER, 2007, p. 60).

Esses aspectos nortearam a construção da educação do campo com esse coletivo de professores, pois pensar numa educação emancipatória para e com a classe trabalhadora significa pensá-la como uma atividade social e política. O projeto propunha a formação do educador do campo como ferramenta de mobilização do grupo da pesquisa na reconstrução do PPP da escola pautado nos princípios da educação do campo. No processo da pesquisa-ação, conforme ressalta Barbier (2007), o diferencial em relação à pesquisa clássica é exatamente por permitir essa negociação, esse contrato de participação com o coletivo. Para Barbier (2007), a formulação do problema não deve ser traduzida em instrumentos padronizados, mas consiste em:

Reconhecer que o problema nasce, num contexto preciso de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva (BARBIER, 2007, p. 54).

Neste sentido, mais do que a contribuição do grupo, buscou-se a apropriação das demandas da escola e a necessidade de se fazer escola do campo. Após a apresentação do projeto de pesquisa ao coletivo da EELA, colocamo-lo em aberto para aprovação ou rejeição, podendo ser reelaborado a partir das demandas escolhidas como prioritárias. Em seguida, o grupo decidiu que uma formação de professores pautada nos princípios da educação do campo seria fundamental para a compreensão ressignificação da escola. As primeiras observações feitas na



EELA foram iniciadas em novembro de 2016. Em comum acordo com o coletivo e, devido às incertezas sobre o quadro de servidores da escola ao final do ano, decidiu-se que a formação só teria início a partir de março de 2017. Ficou acordado que a primeira oficina ocorreria num sábado, com carga horária de oito horas, sendo que as próximas oficinas aconteceriam de acordo a demanda da escola nos horários de Módulo II.

Esse contrato de trabalho feito com o grupo foi o pontapé inicial da participação do coletivo. Conforme Barbier (2007) a pesquisa-ação é um processo libertador e, como tal, torna-se a ciência da práxis exercida pelos sujeitos, assim sendo:

O objetivo da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social. [...] é relativamente libertador quanto às imposições dos hábitos, dos costumes e da sistematização burocrática. (BARBIER, 2007, p. 59)

Foi nesta construção dialética referendada por Barbier (2007) que a pesquisa foi ganhando contornos na formação dos professores da EELA. Neste contexto questiona-se qual o papel de cada um neste coletivo? As oficinas de formação foram desenvolvidas garantindo o diálogo, buscando práticas educativas transformadoras, produção do conhecimento e participação colaborativa. Para tanto, os autores que contribuíram com o debate teórico do conhecimento foram Marx, Caldart (2004, 2010, 2011) Molina (2008, 2012) Thiollent (1985), Arroyo (1999, 2007), Tonet (2014), Dionne (2007), Barbier (2007), dentre outros.

2 METODOLOGIA

A abordagem dialética e a pesquisa-ação foram escolhidas como caminhos para conduzir a leitura da realidade no desenvolvimento da pesquisa. O método do materialismo histórico-dialético apresenta categorias complexas que exigem rigor em sua apreensão. Essa proposta metodológica esboça a possibilidade de outro projeto de sociedade através da tomada de consciência coletiva de um fazer pedagógico na construção de uma escola do campo. As oficinas se materializaram como o principal produto dessa pesquisa, que, por meio da Pesquisa-Ação foi envolvendo e mobilizando os sujeitos envolvidos. Para Brandão e Streck (2006, p. 228), “a experiência sempre está constituída por ações, isto é, por coisas que fazemos, mas também por nossas percepções. [...] por sensações, emoções e interpretações das pessoas que vivem essas experiências[...]”. Nessa perspectiva, as oficinas de formação na EELA foram se constituindo.

Participaram da 1ª e da 2ª oficinas de formação 24 educadores da escola objeto da pesquisa, e três educadores de outra escola, localizada também no distrito de Itapiru. A 3ª e 4ª oficinas de formação contaram, por sua vez, com 25 participantes. Foi realizado um levantamento de dados para traçar um perfil socioeconômico dos participantes da formação através de um roteiro de identificação contendo informações sobre a faixa etária, sexo, renda, moradia e formação. Entrevistou-se um grupo focal buscando, na concepção de Malhotra (2006), obter uma visão aprofundada de um grupo de pessoas apropriado para falar sobre problemas de interesse da pesquisa. A escolha dessa técnica qualitativa de coleta de dados está na possibilidade de alcançar resultados inesperados, o que frequentemente se obtém de um grupo de discussão livre.



Foram três meses de acompanhamento e observação da dinâmica da escola, incluindo reuniões dos professores e eventos institucionais como a feira ambiental, dentre outras ações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A participação de toda comunidade escolar por meio da pesquisa-ação – que tem como alicerce o trabalho colaborativo de um grupo durante todo esse processo de formação –, não foi uma imposição ou algo levado por um pesquisador estranho àquele território ou grupo, mas um processo construído coletivamente, de forma que cada oficina reestruturava a próxima a partir dos interesses do coletivo. Esse percurso teve contribuição de vários colaboradores, pesquisadores e parceiros. As oficinas promoveram o marco inicial da construção do PPP da Escola do Campo, inaugurando o debate do lugar da educação do campo e desses sujeitos coletivos que formam a EELA.

Cada oficina foi desvelando, desconstruindo e reconstruindo, coletivamente, modos de ver e pensar a educação do campo por meio das técnicas de grupo focal, entrevista e observações. Promoveu-se essa compreensão de campo, de território e como a escola ali inserida está imbricada nessa construção histórica de educação do campo. As oficinas propuseram reflexões, questionamentos e ações sobre qual escola somos e qual escola queremos ser e ter.

Num primeiro momento, foi essencial discutir esse território onde cada um se faz educador, qual Vale do Jequitinhonha é esse e qual identidade campesina o marca. É fundamental em uma formação de Educador do Campo refletir sobre a escola na perspectiva histórico-social e sobre as representações sociais que os participantes tinham dela. Nos momentos seguintes às oficinas buscou-se o debate sobre as concepções e princípios que constroem a escola do campo. É importante que não compreendamos a educação do campo como sendo uma educação isolada, quando na verdade é importante pensar o todo, o histórico e as condições reais que constroem a escola/educação da classe trabalhadora. Essa discussão foi importante para que o grupo compreendesse que a formação do educador do campo passa pela escola. Portanto, deve-se perguntar: que escola é essa? Qual é a sua origem? Era dado o momento de nos assumirmos enquanto sujeitos, afinal, deveríamos repetir a história ou construir a nossa coletividade em prol de nossa escola do campo?

Nesta perspectiva, é fundamental pensar a educação do campo como sendo a luta por outro projeto de sociedade na concepção de política pública, de educação e de formação humana. O processo de construção de escola do campo está diretamente fundado na materialidade de sua origem, que é a luta pela terra. A construção da educação do campo passa pelo direito à terra como função social e promoção da vida, portanto, atrelada a um processo de construção de uma sociedade contra-hegemônica aqui motivada pela especificidade da EELA de atender em sua totalidade a estudantes oriundos do campo, o que faz dela um tipo especial de escola que necessita se reconhecer e se constituir como tal. Essa característica norteou os princípios da formação dos professores que ali atuam. O grupo chamado à responsabilidade do fazer coletivo, da participação e da luta pela escola do campo, se dispôs a contribuir com a construção da identidade da escola do campo.

A formação de professores durante as oficinas e os grupos de estudo da literatura sobre a educação do campo levou-os a conhecer o arcabouço teórico e a refletir a sua prática enquanto Educador do Campo. A formação de professores na luta pela educação do campo extrapola os



muros da escola e significa que trouxemos a intencionalidade maior que foi a contribuição na construção de processos capazes de provocar mudanças na utilização e na produção do conhecimento do/no campo, rompendo com a fragmentação na produção do conhecimento. Os objetivos sociais e formativos exigiram do grupo um trabalho comprometido de apropriação e de produção teórica, compreendendo a realidade e o mundo numa interpretação do vínculo orgânico entre o que se vive e o que se estuda na EELA.

A pesquisa-ação oportunizou esse diálogo em construção a partir das demandas reais do próprio coletivo ali formado ao encerrar um ciclo e iniciar um longo caminho na construção da educação do campo na EELA. Assim, a pesquisa-ação foi escolhida por ser a possibilidade de fazer pesquisa e ser parte da pesquisa e da ação. Ação pautada na coletividade e numa participação efetiva dos sujeitos onde a pesquisadora atua como militante de uma causa onde os sujeitos são participativos. Essa dinâmica de mudança permitida pela pesquisa-ação constitui-se como base para o desenvolvimento de uma identidade de escola do campo.

Esse coletivo de educadores, por fim, instaurou ali uma grande inquietação que não mais lhes permitiu um olhar ingênuo ou naturalizado sobre a realidade que os cercava, que forma e transformava a escola na qual eles se dedicavam diariamente à construção do saber. Após meses de discussão, fortaleceu-se a ideia de que não era mais possível para adiar ou engavetar o PPP, que passou a ser visto como algo fundamental. Os resultados foram sendo obtidos ao longo das oficinas de formação, não exatamente como um projeto (PPP) acabado em si mesmo, mas principalmente como um processo de formação continuada, dinâmica, colaborativa e comprometida com o processo de construção e defesa das concepções e princípios de escola do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste cenário de investigação, as principais tramas vivenciadas durante as oficinas de formação docente surgiram do chão da EELA e as suas contradições postas constituíram uma complexidade fértil para pesquisa. Em um dos primeiros contatos com o coletivo de professores, eles afirmaram, quando indagados sobre escola do campo, que a noção de campo que conheciam era a do campo de futebol, já outros acreditavam que uma horta na escola definia esta especificidade na origem do campo. Essa representação de escola do campo, numa visão teoricamente imatura, foi o primeiro estímulo para se considerar esta escola passível de pesquisa; não uma pesquisa que os limitasse, mas uma pesquisa-ação que desse conta das demandas próprias da escola, que os tornassem participativos e sujeitos políticos dentro de uma coletividade.

Na construção da concepção de escola do campo o grupo não teve dificuldade em perceber o que concebeu como naturalizado. Mas compreenderam também que esta lógica perversa é a lógica do capitalismo, a lógica da sociedade hegemônica. E mais: de onde decorre a percepção de que existe uma sociedade hegemônica que nos coloca na passividade. Era o caminhar para pensar outro Vale do Jequitinhonha que não fosse o “Vale da Miséria”, amplamente divulgado pela mídia e enraizado na percepção que os professores trouxeram desse território na primeira oficina. Foi necessário discutir essa construção de escola pensada não para liberdade e construção do pensamento crítico, mas para segregar passivamente.



A pesquisa-ação emancipatória, que é a compreensão da pesquisa como uma atividade social e política, portanto, ideológica, exigiu do professor a formação da consciência de classe e de sociedade na qual estamos inseridos. Foi nesta perspectiva de formação, atrelada ao materialismo histórico-dialético que se desenvolveu a dinâmica em que, em um dado momento, pôde se considerar como grande avanço o reconhecer da especificidade da escola do campo. É uma construção que pode parecer mínima, mas refletia nas ações cotidianas da escola uma perspectiva de participação, a colaboração nas atividades coletivas, o apresentar-se nos espaços como professor de escola do campo, e nos pequenos esboços de construção de ações para se tornar escola do campo.

O grupo de professores educadores do campo, ávidos por novas formas de olhar os estudantes, a escola e toda a comunidade que a constitui como um movimento contraditório não linear e se abre para outros horizontes, agora poderá trilhar novos caminhos, seja na construção do seu PPP ou na efetivação de práticas endossadas pelos princípios em educação do campo. Este grupo certamente não será como antes da formação: agora, sabem-se, compreendem-se como Escola do Campo.

Nas mais diversas contribuições daqueles que ali se dedicaram, se propuseram e se deram a oportunidade de novas construções, ficou entendido que a educação do campo é uma forma de se organizar e resistir. Em cada momento tecido, cada gesto de dúvida, de receio e de despertar, surgiu a certeza de que é fundamental compreender essa totalidade que define o lugar social que o sujeito ocupa.

Os professores educadores da EELA demonstraram receio na desconstrução de certezas, se desafiaram a ir além e a trilhar novas construções coletivas na busca constante por emancipação nos mais diversos momentos desta construção. Ali, começaram a repensar o lugar social de cada homem, de cada mulher e de cada professor da educação do campo.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel González. **Políticas de formação de educadores (as) do campo**. *Cad. Cedes*, Campinas, 2007, 27.72, p. 157-176.
- BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Decreto nº7352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. **Diário Oficial da União, Brasília**, 5 de novembro de 2010.
- BRASIL. Lei n. 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Secretaria de Estado dos Negócios do Império, 20 de setembro de 1850.
- BRASIL. **Ministério de Desenvolvimento Agrário**, 18 nov. de 2016. Disponível em <http://www.mda.gov.br>.
- CALDART, Roseli S. **Educação do Campo**: notas para uma análise de percurso. *Trab. educ. saúde*, Jun 2009, v. 7, n.1, p. 35-64.



- CALDART, Roseli S. **Caminhos para transformação da escola: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 64-79.
- CALDART, Roseli S; FETZNER, Andréa; FREITAS, Luiz Carlos de; RODRIGUES, Romier. **Caminhos para transformação da escola: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- CALDART, Roseli S. Educação do Campo. In: CALDART, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CALDART, Roseli S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. educ. saúde**, v. 7, n. 1 Rio de Janeiro Mar./Jun., 2009.
- COSTA, Francisco de Assis.; CARVALHO, Horácio Martins de. **CAMPESINATO: dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular, 2012.
- DIONNE, Hugues. **A pesquisa-Ação para o desenvolvimento local**. Trad. Michel Thiollent. Brasília:Liber Livro Editora, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed. 1978.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção capitalista**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1971.
- MOLINA. Mônica C.; SÁ, Laís Mourão. Escola do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- ROCHA, Gilda Rodrigues. **A formação docente como estratégia de mobilização e afirmação da escola do campo no Distrito de Itapiru, município de Rubim, MG**. 2018. 107f. Relatório científico (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – UFRB, Amargosa, BA.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez,1985.
- TONET, Ivo. **Atividades educativas emancipadoras**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 9-23, jan./jun. 2014.

Recebido em: 05 de dezembro de 2019

Aceito em: 05 de fevereiro de 2020